

Jornal das Senhoras – Tomo I – domingo, 8 de fevereiro de 1852 - Edição 06

Link: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&pagfis=46>

TOMO I – DOMINGO 8 DE FEVEREIRO DE 1852.

O JORNAL DAS SENHORAS

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

O programa e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina.

RESPOSTA

da Redactora em Chefe do JORNAL DAS SENHORAS á carta publicada em o primeiro domingo de Fevereiro assignada - O Homem.

Antes da publicação do 2º numero do JORNAL DAS SENHORAS recebi com effeito uma carta assignada - O homem. -

Atacavão-se nessa carta ideas que ainda não tinham sido expostas por mim, chamavão-se subversivas as doutrinas, que ainda não tinham visto a luz publica.

Dava-se-me a descripção organica e material da mulher, e promettia-se-me para mais adiante descrever-se-me a mulher intellectual, uma vez que eu acolhesse com agrado as reflexões que se me fazião.

Como essa carta me fosse dirigida privativamente, julguei-me exonerada de responder; em primeiro logar por que não costumo conceder satisfações a pessoas que não conheço; em segundo logar porque, sendo os doutrinas do *homem* muito repulsivas para mim, não sei por que motivo havia de procurar uma contenda, que tem todos os visos de uma tentativa de conversão. - A lucta que intentaes travar com migo é a mesma que principiou com o mundo: eis as palavras de Michelet:

" Com o mundo começou uma lucta que só

"com o mundo mesmo acabará; não antes:

"a dos homens contra a natureza; a do espi-

"rito contra a materia; a da liberdade contra

"a fatalidade."

Nada de novo tinheis a dizer-me, nada de novo tinha eu a responder-vos.

Vos pertenceis a escola materialista, absolutista e inimiga do progresso do genero humano.

Eu pertenço, desde minha mais tenra mocidade á propaganda humanitaria e progressista. Somos pois dois antipodas que, combateriamos até ao rancor, sem chegar a entender-nos porque nenhum de nos pode deixar de *ser* de o que é.

Eis pelo que respeita a vossa primeira epistola.

Vamos á segunda:

Sois Modesto por demais senhor, em suppordes que a minha declaração, sobre a emancipação da mulher, me fosse arrancada pela vossa carta; embora algum periodo dessa mesma declaração assim vol-o fizesse suppor; vossa carta em comparação á obra collossal a que me tenho proposto, é apenas mais um espinho na carreira perigosa que emprehendi, ha dez annos!

Dizeis que deverieis fcar satisfeito de terdes feito recuar as minhas ideias e contradizer o que eu já tinha avançado n'outros ns. do meu Jornal, formando o principio de sujeição physica e moral da mulher para o homem.

– 42 –

As leis da urbanidade não consentem que eu responda a esse periodo da vossa carta como elle merece ser contestado; pois que me calumnias, senhor, sem conhecer-me; comparar estes-me a esses entes sem consciencia que especulam com a sua intelligencia, ou pensaste que por ser mulher recuaria espantada e não teria ideias *min as!*

Sois vós por ventura o unico materialista que pugna contra a natureza, contra a vontade do Creador, e que suppõe parar a roda incessante do progresso humano?

De certo que não!

Por ventura *noventa* annos de guerras religiosas puderão afogar no seu mar de sangue as LIBERDADES DA CONSCIENCIA?

Cada uma Liberdade conquistada pelo povo quantos rios de sangue lhe não custou!!

Pensaes que estou muito assustada?

Eu esperava encontrar um oppositor ás minhas doutrinas, e como isso me dá pouco abalo, eu irei avante, segura de preencher uma santa missão, e com toda a coragem do verdadeiro apostolo da *verdade*. Tereis a bondade, senhor, de conceder que a definição grammatical de uma phrase, nunca pode ser aplicada em uma discussão philosophica; nem podem ser applicaveis a este caso as definições *de Consta cio* e *de Fonseca*.

Ambas fallão do filho.

Ora sabido está que ha uma epocha marcada pela sociedade e pela natureza, em que o filho se emancipa, moral e fisicamente; porque vae viver dos seus proprios recursos.

Vós traiçoeiramente applicastes essa definição dizendo: *acto pelo qual a mulher deixa de reconhecer o poder marital*.

Achaes horrivel essa proposição! sedeciosa, e aniquiladora!

Confessae que se tivesses á vossa disposição as torturas e as fogueiras da inquisição já eu tinha provado: o fogo,- a agua - a cadeira, o potro, os anneis, e por fim estava a esta hora carbonizada.

E porque?

Por que considerando o matrimonio, não como uma venda infamante do corpo e da alma da mulher, dessa a quem Deus tanto distinguiu fazendo della *a Mãe*, por que considerando o matrimonio simplesmente como um contracto social, quiz que a mulher entrasse no gozo de seus direitos, que a bondade de Deus lhe doou, e que o estúpido egoismo do homem ele nega!

Vós fallaes, senhor, da China e da Turquia mas esquecestes que é o Brasil o *unico* logar da America e da Europa, onde a maior parte das mulheres são domesticamente tyranisadas! onde vegetão como a planta, onde forão despojadas até dos mais remotos direitos, onde a sua intelligencia é quasi sempre considerada como um crime, e donde, se levantassemos o véo mysterioso que encobre a sociedade, recuariamos espantados!

E de que valem, senhor, essas prendas feminis com que adornaes a mulher para condemnal-a mais tarde *ao mutismo*?

Sabeis que a *mulher não pode passar alem daquillo que a sociedade civilisada lhe tem reservado*.

E que dirieis vós Sr. se visseis nos Estados-Unidos a mulher ter uma vida tão laboriosa, tão activa, e mais intelligente que a do homem?

Pensaes que além da costura, do engommado e outros pequenos trabalhos não existem outras profissões para as mulheres?

Quanto mais civilisada estiveram a sociedade, mais largo será o circulo das profissões que pode exercer a mulher; porque menores e mais raros serão os preconceitos que lhe tolhem os caminhos da industria e da intelligencia, e os recursos que a subtraem á miseria, ás privações e as mais das vezes á perdição.

Quando escrevieis a vossa carta, por certo não vos lembrastes de que era a *uma mãe* de família, aquem vos dirigieis; é porque conheço os meus deveres, é porque escrupulosamente, sei preencher-os, que posso dizer á mulher - *sois livre*, e o conhecimento da vossa dignidade, longe de oppor-se ao cumprimento dos vossos *deveres*, vos ajudar a desempenhal-os com mais intelligencia e devoção.

Invertestes, senhor, as minhas palavras e ousastes prevalecer-vos da vossa mascara, para levar o sarcasmo e o ridiculo, onde nunca encontrarão os espiticos rectos outra coisa; que a moral mais pura e os concelhos mais prudentes.

Não vos concedo, senhor, que saibaes sai o que seja AMOR; vosso amor devo parecer-se com a definição de Voltaire de no seu Diccionario Phylosophico. Para vos a mulher é uma - maquina de propagação. - Não é esposa, - não é mãe; porque lhe negaes o que Deus lhe concedeu.

- Sentimentos e intelligencia -

Dizeis até que injurio a sociedade, porque o *christianismo rehabilitou a mulher*.

E de que serve que Jesus de Nazareth escrevesse na sua bandeira:

Liberdade - Fraternidade - Humanidade?

Como forão recebidas as doutrinas do Jovem Mestre de Nazareth?

Suas proposições forão tidas como *horriveis, perniciosas, subversivas, etc., etc*: E por fim o arrastarão á cruz do martyrio!

Fallaes do christianismo, esquecendo-vos que sobre o corpo do sabio, do apostolo, do sancto se formou um pacto odioso, de especulação, abominavel e sanguinolento! Esquecestes que o catholicismo nada tem de commum com o christianismo, que as fogueiras da inquisição não podião ser os interpretes das três bases da doutrina de Christo - Liberdade - Fraternidade - Humanidade?

A mulher pois, rehabilitada pelo christianismo, foi como a humanidade inteira encarcerada nas trevas do ignorantismo, d'onde a arrancarão as continuas revoluções da sociedade Europea, e onde nunca permittiu que ella cahisse a sabedoria dos legisladores da America do Norte.

Estamos no fim da nossa peleja senhor.

Acabaes como principiastes.

Fulminaes o meu JORNAL, e o exilaes do seio das familias porque vossa cegueira não comprehendeis que se -

— 43 —

"O livre alvedrio é um facto metaphysi-
"co, que com quanto assim o seja, existe,
"logico e irrecussavel, como uma cifra ari-
"thmetica."

A mulher conhece quando é tyranisada, tem a consciencia do que sente, não se revolta, porque vive como o cativo carregado dos ferros da oppressão.

Revoltae-vos contra Deus; senhor, e perguntae-lhe por que deu alma á mulher, porque ele deu pensamento, porque a fez igual ao homem, porque a fez sua companheira, se os instinctos ferinos do homem bruto querem apenas a realisação de seus desejos!

Accuzae a Deos, não a mim!

Acreditaes Só no que vos digo - quanto mais illustrada for a mulher - melhor comprehendera os seus deveres, mais amplamente preencherà, essa missão sagrada de esposa e de mãe; missão cujas bases principaes são uma terna adhesão, uma abnegação profunda, prudencia, doçura e paciencia.

Agora que assás vos tenho demonstrado que não sei recuar nas minhas ideias, Que não tenho medo, e que sei argumentar; previno-vos que não responderei nem directa, nem indirectamente, ás vossas cartas debaixo da assignatura do anonymo.

Eu combato com o meu nome á frente da redacção do JORNAL, estou no meu direito exigindo que assim pratiqueis; porque a vossa publica assignatura me servirá de garantia, de que a mais estricta urbanidade será observada nas nossas polemicas, e que eu não terei portanto de arrepender-me de haver encetado a lucta desigual d'aquelle que peleja a rosto e peito descobertos, contra um inimigo armado e defendido pela mascara do incognito.

Se assim o quiserdes, até outra vez.

Joanna Paula M. de Noronha.

MODAS

E' costume antigo de civilidade cederem as primeiras visitas o lugar de distincção ás outras que vem chegando depois: eu estou hoje neste caso.

A' vista da vossa participação, minha querida Redactora, devo ceder o meu lugar ás novas e dignas collaboradoras que nos querem acompanhar na ardua tarefa; isto é, quizestes dizer-me que devia ser resumido desta vez o meu artigo de modas, para que tão nobres companheiras tivessem espaço no Jornal; pois assim seja, tenho nisso muito prazer. Attendei porém, Que para o numero seguinte peço desde já a palavra, que tenho muito que dizer: não sou de meias razões, e agora, que já vou tendo fumaças de escriptora, (e que tal!) parece-me que todo Jornal é pouco para mim só!

Apresento-vos então unicamente a estampa dos moldes do corpinho do lindo vestido cor de *rosa da China* que trouxe o ultimo figurino, e mais os riscos de differentes bordados,

simples e apropriados ao gosto de algumas das vossas Assignantes, que se deram ao passatempo d'esse trabalho nas horas magras.

O corpinho está dividido em dois moldes: um representa a metade do dianteiro e o outro a metade das costas. A tira da mesma fazenda encrespada, que deve guarnecer toda a abertura do corpinho, é da largura de duas polegadas, e prega-se quasi sobre a orla da abertura.

Tendes depois uma guarnição de saia, bordado inglez e de mui bonito effeito. Os *Laberintos* e os *Puçás*, Que as nossas patricias sempre usarão nas barras de saia, não deixão por isso de ser um trabalho primoroso e bem aplicado; desejára que não cahissem em desuso, porque nesse genero não ha moda, ha simplesmente o capricho e o bom gosto da elegante.

Tendes mais uma guarnição para calcinhas de criança, esse caro penhor, que por essa mesma razão deve andar sempre mui bem trajadinho.

Um fundo de touca, tres cantos para lenços e tres coroas, de conde, de marquez, e de duque, para serem bordadas nos mesmos lenços, eis tudo o que contém a gravura que vos offereço.

Adeus, Até semana que vem.

Catette. 6 de Fevereiro.

A LINGUAGEM DAS FLORES

Ha um folheto intitulado: - *Vade mecum dos namorados*, - Este folheto contem nomes de flores, fructas e outros objectos, como agulhas, alfinetes, linhas, retroz, etc., e em segmento d'elles, outros nomes a que chamão significação, e os namorados com similhante *livrinho* julgão que sabem fallar, e entender a sublime e empyrica linguagem das flores. Estão completamente em erro. O autor d'esse escripto foi um especulador, que sonhou em alguma parte, que havião flores emblematicas, e que ellas tinhão uma significação: e eil-o que improvisou o tal *Vade mecum*, e disse: *a i tendes a linguagem das flores dai-me a vossa meia pataca*.

Vamos corrigir esse erro, em que vive muita gente, publicando nós a verdadeira e unica linguagem das flores; lingugem tão universal como a musica e a mathematica; linguagem consagrada pelos seculos e que não está sujeita ao capricho nem ao alvedrio de qualquer *vade mecum*.

Seguimos para esse fim as inspirações de Mme. Leneveux, Mme Charlotte de la Tour, e Mr. Aimé Martin e outros.

Não vamos publicar um livro; e por isso as nossas leitoras nos dispensarão de um prologo em que se descreva a historia da linguagem das flores; contentando-se que lhes digamos que teve origem na Asia, e que principiou por uma Tulipa, que uma amante, reclusa no serralho, lançou pelas grades sobre o namorado, que de baixo das altas janellas carpia a perda do querido bem.

Também não procuraremos *systema* na publicação dos nossos artigos. Serve-lhe de introdução *os attributos de cada hora do dia entre os antigos*, e depois principiaremos pela rainha das flores - A ROZA Em segmento a cada flor daremos em maiusculo a significação, e depois em grifo a máxima que ella encerra, ou phrase com que pode ser empregada.

(*Continúa.*)

CORRESPONDENCIAS

SENHORA REDACTORA,

A vossa nobre coragem, senhora, tem-me do tal modo impressionado, que não posso deixar de felicitar-vos pela alta consideração que mereceis. Não é porque fosseis a primeira senhora que empreendeu que a difficil tarefa do jornalismo, nem pelo util intretenimento que dais ás do nosso sexo sobre modas: não; É pelos sublimes e tocantes pensamentos com que desenvolveis as nossas intelligencias no perfeito conhecimento do que nos cumpre saber para desempenho de nossa missão como filhas, esposas e mães.

Se eu fosse illustrada como vós o sois, apresentar-me-hia para coadjuvar a vossa empreza, não por que disso carecesseis, mas para mostrar-me grata a quem tão dignamente pugna pelos direitos da emancipação da mulher. Posto não tenha o prazer de conhecer-vos, senhora, desejo obsequiar-vos de algum modo, e se o permittirdes, enviar-vos-hei Alguns artigos traduzidos ou extrahidos de varios autores, a cuja leitura me tenho dado.

Incluso vereis alguns pensamentos sobre a - Amizade, - que se os achardes dignos das paginas do JORNAL DAS SENHORAS, o mandareis inserir, com a condição porém de me conservar incognita mesmo com vosco, de quem sou

Uma assignante.

PENSAMENTOS

SOBRE A VERDADEIRA AMIZADE

A verdadeira amizade é o idolo das almas elevadas, o thesouro dos corações puros e da paixão do sabio.

As naturezas nobres são as unicas que sabem comprehendel-a; porque só ellas são capases de sentir a impressão viva e profunda dos movimentos que caracterisam este sentimento

divino, unico em que o excesso pode ser permitido. Virtude consoladora que Deus concedeu á creatura, como para indemnisa-la dos males que lhe forão transmittidos por nossos primeiros pai.

Sentimento generoso e bemfazejo, dictado pela intelligencia que nos faz sentir, como por um instincto magnetico, o contacto do amigo que nosso coração escolheu, mesmo estando elle de nós b m distante, e que nos faz achar n'alma desse amigo, para quem vivemos, um refugio intimo a nossa razão vacillante.

Sonho celeste, que nos faz ver com os olhos d'alma, e achar o pensamento correspondente ao que dirigi-mos ao amigo ausente, parecendo-nos mesmo o som de sua voz.

Felicidade do mundo! tu és o sustentaculo dos corações puros e sensiveis, que sabem o segredo sublime de ser.

Verdadeira amizade! porque tão poucos mortaes te sentem no coração, quando todos te conservão nos labios?

Porque tuas chammas puras não abrasão todas os almas? e porque teu nome que virtude só devia pronunciar, tem servido tantas vezes para disfarçar traições?!

(*Extrahido.*)

Senhora redactora,

Em dias deste mez estava eu passando pelos olhos o *Jornal do Commercio*, sem deparar nelle coisa que me interessasse mais intimamente, quando vi de repente um annuncio - O JORNAL DAS SENHORAS. - Corri á sala de meu pai e pedi-lhe que o mandasse buscar.

Apenas chegou, fui devorando-o, e logo no principio acho um convite para todas as que quizerem concorrer com o seu cabedal, e occupar um logarzinho nas paginas do - JORNAL. - Foi O mesmo que se estivesse com muita sede e calor, e a senhora me offerecesse me um sorvete.

Nem eu sei como agradecer-lhe este beneficio que nos faz á todas, pois que estou certa que todas como eu são unanimes em tributar-lhes votos de gratidão pela empreza que tomou á hombros.

Somos quasi passivas na sociedade, antes quasi que só vegetamos. Bem como a mangueira, crescemos carregamo-nos de folhas, que dão sombra agradavel, enchemo-nos de flores odoríferas, que são o encanto dos viventes, produzimos nossos fructos, que o homem colhe soffrego, e depois? ahi ficamos abandonadas, com a folhagem secca, porque já não damos fructos.

A senhora veio-nos abrir um campo de actividade, em que podemos exercitar as nossas forças, e sahir do nosso estado de vegetação. Como lhe agradeceremos?

Demais, demais que prazer o de escrever alguma coisa em letra redonda; saber que outras lêem nossos pensamentos. Tanto que eu desejava isto, agora a senhora me offerece uma oportunidade,

Aceito pois o seu convite, e me animo á remetter-lhe por principio duas pequenas poe-

– 45 –

sias. Se pois forem achadadas dignas de se publicar estas primeiras, continuaremos a remetter alguns versinhos e alguns artiguinhos, para a senhora ter a bondade de inserir nas páginas do - JORNAL DAS SENHORAS. -

Espero me releve o assignar o meu nome de batismo somente, não pondo se não as iniciaes do sobrenome, por onde facilmente se me reconheceria.

Sou da Snra. redactora, etc.

(Lina.)

ENTÃO ME QUER?

Arre lá, senhor Juquinha,
Que máo modo de brinquedos!
Já vai passando á excesso,
Não me aperte assim os dedos!

Quem quer bem precisa geito,
Que o amor é mui mansinho,
E' preciso ter cuidado,
Tratar bem do seu bemzinho,

E tambem que mau costume!
Veja, podem reparar...
E uma moça é como a flôr
Qualquer coisa a faz murchar,

E depois, ainda em cima,
Fica todo enfarrascado?!
Vai pegando o chapéo,

Quer-se ir todo zangado?!

Ora pois, me valha Deus,
Que por fim de toda a conta,
Pago as favas sem remedio,
Sem ficar uma só ponta.

Se consinto, eis as mas linguas
Que m'esfolão inda em vida!
E se não, fico com elle,
Sem querer, compromettida.

Venha cá, não va-s'embora,
Não-se zangue sem razão,
Vai-se assim sem mais nem menos...
E depois o que dirão?

Não me chama - sua amada,
Sua bella, sua flòr? -
Ah! me attenda um bocadinho,
Em nome do nosso amor.

Aqui stá a minha mão,
Eu lh'a dou, com cautéla,
Consinto, póde beija-la.

Mas agora venha cá,
E me diga com franqueza,
Me responda sem rebuços,
Com toda a sua lhaneza:

Se me adora de verdade,
Se por mim vive somente,
Se por mim a sua vida

Déra prompto e muito contente;

Se sou pois sua alegria,
Sua gloria, e sua dôr,
Seus quindins e seus feitiços,
Sua vida e seo amor,

Se um sorrído de meos labios
Lhe derrete o coração,
Como a cera se derrete
Ao sol quente do verão.

Se abraçar-me é sua gloria
Seu mais ardente desejo,
Se de gosto até morrera
Com roubar-me so um beijo.

Como então, ah! não procura
O caminho, que conduz
A' esse castello encantado,
Onde a sua gloria luz?

Pela porta da Igreja,
Joelhando ao pé do altar,
E' tão facil ser feliz,
E ao seu castello chegar...

(Lina.)

Snra. Redactora. - Todas nos devemos contribuir com o nosso cabedal para a prosperidade do JORNAL DAS SENHORAS, unico que tem dito a verdade em nosso favor, sem adulal-a com a lisonja, que detesto; por isso tratei de fazer alguma coisa, filha da minha curta intelligencia, mas amamentada com a minha boa vontade, para lhe offerecer. Se cabimento tiverem estas toscas linhas, ellas ahi vão entregues à vossa censura: procurei o seguinte

assumpto para não me encontrar com outras intelligencias mais illustradas, que me farião correr de vergonha. E porque entendo que o nosso Jornal deve de tudo dizer um bocadinho.

.

- Sua, etc

Francina.

AS SEMANAS.

Quem dizer que as semanas são tristes e mancambusias aqui na corte é um senhor herege que nunca commungou uma so vez em todos os dias da sua vida: é um irrascivel de festins; mas que festins? Aquelles, que elle lá entende que fazem a semana alegre, debaixo do ponto de vista em que a sua sorte o collocou. Muitos ha que entendem, ou achão alegre, a semana que foi abarrotada de publicos divertimentos desde a segunda feira *das almas*, como lhe chamão os *irmãos da opa e bacia*, até ao *sabbado de Nossa Senhora*, como dizem os bons christãos; porque são esses os divertimentos aqui estão affeitos em falta de relações de sociedade; no seio das quaes passarião os instantes, as horas, os dias e até annos inteiros, no delicioso extasis da sincera amizade, ao lado de moças galantes e feias (pobre de mim!) velhos e velhas prasenteiros, risonhos (so assim podem agradar) e condescendentes, que fazem a gente esquecer-se até do mundo velho esburacado, que vae correndo o seu caminho como Deos é servido.

Não acho razão nos que assim dizem ou pensão: porque, por patrocínio de Santa-Thereza, S. Francisco, e S. Januario, temos tres theatros em serviço activo todas as semanas, onde ha muito que ver, ouvir e contar: temos na rua do Lavradio um circo olympico onde trabalham

— 46 —

tambem todas as semanas tres companhias, uma em cima da corda, outra por baixo, e a terceira ás cabeçadas; na primeira destas companhias dança uma francesa, Mme. Jenny, que vale a pena ser admirada: temos bailes repetidos de fantasia ou sem ela) na rua de Catumbi, e no largo do Paço onde pode ir muita gente de *graça*; temos aos domingos de manhã Museu, que nos mostra coisas verdadeiras e outras tão semelhantes.... temos depois a barca de banhos para purificar o corpo, e por fim o Passeio publico para arejar os pulmões. Além disto temos as sociedades de musica, as de baile, e as dramaticas, as quaes todos os mezes tem a sua noite de funcção. E sobre tudo, temos as festas de Igreja, onde os festeiros teem bancos para estarem bem assentados, lages frias ou tapetes no chão para nós, e logar de sobra para quem quizer estar em pé confundindo a reverencia com o desrespeito ao logar sagrado.

Ora parece-me que isto não é pouca coisa para quem só nos, divertimentos publicos acha alegria! E se achão que é pouco, ainda temos mais um divertimento: vão de tarde ao campo de Santa-Anna para observarem o namoro do *Provisorio* com a casa do museu; é uma graça vel-os; elle quer entrar, ella fecha-he a porta, e n'esta contenda fica elle de esgueha arrutado - dia e noite....!

Deos o fade bem.

(Continua.)

POST-ESCRIPITUM

Transcrevemos o Prospecto do - JARDIM DAS DAMAS - que foi publicado em Pernambuco a 4 de Janeiro deste anno. E' com extraordinario jubilo que damos este extracto ás nossas Assignantes. Assim pois Snr. *Homem*, vós que tivestes o arrojo de levantar o estandarte do idiotismo da mulher, vede que já não é uma Senhora quem se apresenta na arena do Jornalismo a pugnar pelos direitos e pela illustração da mulher, são os homens, os mesmos homens que comprehendem a necessidade de bases mais solidas para a educação da mulher, os mesmos homens que comprehendem, que Deus não quiz, na sua OBRA GRANDIOSA, estreitar o circulo da vida d'aquella que foi destinada para ser esposa e mãe.

O Prospecto do JARDIM DAS DAMAS é um tiro de metralha, que varre até aos seus alicerces os catellos de papelão dos materialistas, que intendem com seus impotentes gritos imprimir na humanidade um movimento retrogrado, quando os dois elementos da existencia universal são - AMOR DE PROGRESSO. -

EXTRACTO DO PROPECTO

Desgraçadamente o homem não tem sempre mantido a mulher na posição que Deos lhe assignou; Abusando de sua força, elle a tem tratado muitas vezes antes como escrava que como companheira, mas em castigo de seu delicto, aquelles que assim obram, possuem sómente um corpo sem alma: pensamento, amor, dedicação, nada é para elles. Os Orientaes réos destes crime, conhecendo bem que não possuem os corações de suas mulheres, não lhes permitem sahir em publico, elles temem expor á vistas de estranhos esse sorriso de graça que Deos collocou nos labios destas creaturas abençoadas, como o seu mais puro raio; por isso conservão-nas em seus harens debaixo de chaves e ferrolhos sob a guarda de de eunucos. (*) A Grecia e Roma forão mais cortesies para com o bello sexo, Todavia no primeiro destes paizes cria-se que a alma da mulher não era da mesma ordem que é do homem; toda espécie de instrucção lhe era recusada, sendo assim condemnada perpetuamente á ignorancia; no segundo, ella estava sujeita a uma tutella que nunca se acabava. A roca era os olhos do romano, a suprema virtude de sua

companheira; quando a matrona romana tinha fiado todo o dia, elle achava que tinha dado uma prova maravilhosa de sua intelligencia. Finalmente em Roma o marido podia repudiar a mulher á vontade, tornar a toma-la, empresta-la ao amigo, julga-la em familia e até mata-la. Elle não Usava sempre desta permissão, mas algumas vezes mandava açouta-la tão rudemente por seus libertos que é desgraçada morria disso. Mr. Eugnio Pelletan, de quem extrahimos Parte do que neste artigo expendemos, refere que Rhegilla morrera assim por ordem de Herodes Attico.

O Evangelho, diz o mesmo escriptor, veio tirar a mulher deste interminavel anathema, elle restituiu-lhe a alma impondo-lhe a obrigação de trabalhar para sua salvação, derramou-lhe sobre a cabeça a mesma agoa de regeneração que sobre a cabeça de seu marido, applicou-lhe o beneficio do sangue derramado no Calvario, abriu-lhe a porta da igreja, associou-a ao martyrio e decretou-lhe a apothese da escravidão. Ella era excluida do banquete, elle a chamou á mesa de sua communhão; estava decahida de toda especie de direito á gloria, elle a coroou com a auréola.

Presentemente a mulher tem recobrado na sociedade o logar que a Biblia lhe assigna, ella é a companheira do homem, ella participa

(*) Os Egypcioz Chegaram ao mesmo fim sem se servirem das grades de ferro dos harens; eles decretaram que nenhuma mulher poderia sahir á rua sem ter os pés calçados e prohibiram sob pena de prisão, aos sapateiros de fazerem calçados para ellas, fosse de que qualidade fosse.

Os Chins procederam aind de melhor modo para conseguirem o metmo fim; elles persuadiram ás suas mulheres que a pequenez do pé he um dos elementos principaes da belleza; por isso estas pobres creaturas entregam contentes suas filhinhas ainda tenras para que lhes sejam quebrados os pés em um torninho afim de não crescerem. Desta maneira ellas mesmas preparam seu captiveiro, porquanto, não podendo ter-se am. pé por muito tempo, tambem não podem sahir á rua.

– 47 –

de sua vida, de seus trabalhos, de seus pensamentos; sua intelligencia desenvolve-se no meio das mesmas condições moraes que a de seu companheiro, por consequente tem direito a uma educação tão desenvolvida quanto a deste.

Mr. Pascal Ramé tratando da necessidade da educação das malheres exprime-se da maneira seguinte:

"Hoje não é mais permitido encerrar a mulher nos cuidados materiaes do lar domestico e crer que a castidade e a virtude em nossa época consistem, como no tempo de Lucrecia, fiar lan e não sahir de casa.

"Se os deveres moraes que a natureza e a consciencia impõe á mãe o á esposa são tão severos quanto erão outr'ora, cumpre reconhecer que o progresso dos tempos tem exercido bastante influencia sobre as qualidades de seu espirito, sobre essa intelligencia tão delicada e tão sensivel, que é um dos attributos mais notaveis de sua organização.

"A mulher tem-se tornado a alma das reuniões escolhidas, seu predomínio tem-se muitas vezes exercido nellas em largas proporções; por ventura no meio de um circulo de homens distinctos, de espiritos graves e profundos, póde ella ignorar as coisas que todo o mundo sabe, e ser constrangida a guardar um silencio ridiculo quando se falla em sua presença de litteratura, de arte, de sciencia? Porventura pode ella ignorar a historia de seu paiz, e os elementos principaes dos conhecimentos humanos?

"E na familia não é ella quem imprime na intelligencia de seus filhos a primeira impulsão? E para dirigi-los nos annos da infancia, não convém que seja instruida, que sua intelligencia tenha sido formada por uma educação extensa, e que sua moralidade tenha sido fortalecida pelas luzes da razão e da fé, não dessa fé supersticiosa e ignorante, mas dessa piedade esclarecida e sincera, que nasce de uma instrucção solida e que fortifica a virtude?

"Tão aborrecivel é a mulher pedante, quanto é instimável a mulher instruida sem affectação; ela é um thesouro para aquelles que a communicão, uma felicidade para as sociedades que frequenta.

Mas, dizem muitos, a mulher é physica e moralmente predestinada para exercer na familia uma ordem de funcções, outra que o homem. O homem, activo, robusto, obra no exterior, trabalha ao sol; a mulher, delicada, amorosa, cria o filho e administra a casa.

Concordamos com isso, mas pedimos que nos seja permitido perguntar como o escriptorque deixamos citado em primeiro lugar: Porventura para criar seu filho, para formar-lhe a alma dia por dia, para derramar-lhe não o leite do corpo, pois esse é nada, mas o leite do espirito, sera preciso á mulher menos intelligencia do que ao marido, fabricante ou mercador, para vigiar sua machina, para fazer suas compras e vendas, para regular suas contas? Cremos que ninguem se attreverá a dizer que sim.

Entretanto qual é a educação que entre nós se dá as raparigas? Em vez de se lhes ensinar o que é necessário para a vocação severa da maternidade, ensina-se-lhes, quando muito, a tocar, a cantar, a dansar, a desenhar, finalmente ensina-se-lhes somente o que pode se duzir, encantar

e conseguintemente abreviar a distancia que as separa do matrimonio. Parece que só isso se tem em vista, como que se, concluido este acto, seu destino ficasse esgotado, sua vida acabada!

Um tal erro não deve continuar; em vez de receber uma educação, por assim dizer, de passagem, que só corresponde na vida a um minuto, a mulher deve receber uma instrução que radie igualmente sobre todas as horas de seu destino; ella deve fortificar sua alma pelo estudo, não só para saber livrar-se de laços que lhe armão os máus, senão também para poder convenientemente educar seus filhos, aconselhar seu marido nos casos difficeis, consola-lo Nos adversos, e preparar de antemão para si propria uma dignidade para a velhice.

Convencidos pois de que concorrendo para a educação de nossas bellas e amaveis patricias, fariamos um não pequeno serviço á sociedade brasileira, propozemo-nos publicar um periodico neste sentido, o qual, para conformar-nos com o preceito de Horacio de ajuntar ao util o agradável, resolvemos dividir em duas partes, parte instructiva e parte recreativa. Na primeira iremos dando em forma de dialogo e em artigos separados os conhecimentos que uma senhora deve ter para poder dizer-se instruida e bem-educada; isto é, iremos apresentando de modo proporcionado á comprehensão de nossas leitoras, desenvolvimento mais ou menos extensos sobre a historia sagrada e profana, sobre as sciencias naturaes e positivas, sobre os direitos e deveres proprios da mulher, sobre litteratura, etc., etc. A segunda conterà poesias, romances, dramas, contos para os meninos, (*) anedoctas, jogos de prendas e receitas uteis e curiosas.

Este periodico sahe duas vezes por mez, ele.

MISTERIOS DEL PLATA*.

ROMANCE HISTORICO CONTEMPORANEO.

Com o mundo começou uma lucta que só
com o mundo mesmo acabará, não antes:
a do homem contra a natureza, a do espirito
contra a materia, a da liberdade contra a
fatalidade. A historia não é outra coisa que
a relação desta interminavel luta.
MICHELET, Historia da França.

Chegados em frente ao café, os tres embuçados pararão, E o mais alto, que ia adiante, afastando um bocado a capa, lançou prescrutador olhar para o interior da saleta do balcão.

Dois marujos sentados ao pé de uma meza

(*) A infancia he avida de contosa, por isso querendo habilitar as mães para satisfazer esta, por assim dizer, necessidade de seus filhos, resolvemos dar em nosso periodico contos Moraes e instructivos appropriados a esta idade, afim de que ellas não se vejam obrigadas a contar-lhes historias de cabra cabriola, de Maria borralheira e outras, das quaes nenhum proveito tiram estas tenras e amaveis creaturas.

– 48 –

finalisavão tranquilamente sua ceia: ambos erão rapazes e da rude vida do mar, e ambos possuião o distinctivo sello.

Máu grado a igualdade do trajar, um daqueles homens era o superior do outro; não só em posição social, como na intelligencia e bizarria que revelava sua larga testa e seu olhar sereno e brilhante.

Homens do povo, tinha o ar de distincção que é fructo particular da educação e da intelligencia.

Era o typo dos homens de uma época, da qual talvez nos separarão ainda alguns seculos.

Os marujos beberão apressados os ultimos goles de vinhos que ainda restavão nos copos, e levantando-se da meza ajustarão a sua conta com o dono da casa, depois acenderão depois seus cachimbos e se dirigirão á porta da rua.

- Adeus Sr, Lostardo, até a volta, Deus seja na sua guarda! disse o dono da casa, dirigindo-se ao mais notavel dos dois moços.

- Deus ouça seus votos: repondeu o marujo, com um muito pronunciado accento Genovez.

E sem mais cerimonia abrirão a porta e começarão a descer a rua em direcção ao *Caes de Laffon*; resoando apenas na sua silenciosa os tacões de seus sapatos ferrados, nas lizas e grandes lages da calçada.

Os tres embuçados seguião os marujos a certa distancia, e com tal receio e discripção, que parecia que andavão nos bicos dos pés.

Pouco antes de descerem ao caes, o mais alto fez aceno imperioso a seus dois mudos companheiros que ficarão de vigia, e elle só continuou seguindo os dois marujos.

Cães de Laffon! quantas vezes sentada nos degraus de tuas escadas, não fiquei horas inteiras com a mente submersa em mil illusões, que a rude mão do tempo ha desfolhado sem piedade!

Quantas vezes, acompanhada de um caro amigo, que já descança no seio de Deus, ali fui gozar das tardes serenas do Plata, e misturar-me com a vaga tumultuosa que te percorre durante o dia!

Aprazia-me o vigor do movimento mercantil, divertia-me a multidão de homens de todas as nações, esse *bruhaha* em todas as linguas!

Era ali o receptaculo do cosmopolitismo, e aquelle que crusando seus largos passeios, quizesse definir a nacionalidade do paiz, onde se achava, fortemente embaraçado havia de encontrar-se!

Tal era o cáes de Laffon durante o dia, e tal se conservou até 1842.

Nos momentos em que o leitor nos acompanha á aquelles logares, o movimento mercantil cessára, cáes está deserto e silencioso.

As rajadas da brisa do mar trazem o écho da rustica cantiga do pesacador, que canta ao longe; bramão as ondas que arrebetão de encontro á maralha, e as vezes e rumor monotono da voga dos remos de algum bote vem misturar-se a estes outros ruidos da solidade.

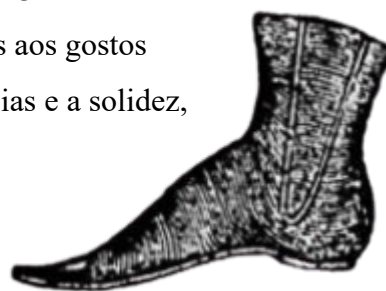
A vóz do *Sereno* que repete as horas, e o *allerta* as sentinellas que guardão a costa, interrompem tambem por intervallos o silencio da noite n'aquelles sitios.

(*Continua.*)

Acompanha a este numero a estampa com os moldes do corpinho do ultimo figurino que apresentamos, e mais alguns riscos de diferentes bordados, a ponto inglez.



VIANNA E C. Ouvidor 154
Calçados para homens e senhoras aos gostos
mais modernos, ajuntando á elegancias e a solidez,
commodidade
de preços.



JORNAL DAS SENHORAS

Publica-se todos os DOMINGOS; o primeiro numero de cada mez vae acompanhado de um lindo figurino de melhor tom em Paris, e os outros seguintes de um engraçado landú ou terna modinha brasileira, romances francezes em musica, moldes e riscos de bordados.

Subscreve-se para este Jornal nas cazas dos Snrs. WALLERSTEIN e C. n. 70, A. e F. DESMARAIS n. 86, MONGIE n. 87, rua do Ouvidor; e na Typographia PARISIENSE, rua Nova do Ouvidor, n. 20.

Toda a correspondencia é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das cazas mencionadas.

PREÇO DA ASSIGNATURA: Por tres mezes, 3U000 rs. na corte, 4U000 rs. para as provincias.

Os trimestres contão-se em Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro. - Typographia Parisiense, rua Nova do Ouvidor n° 20.